

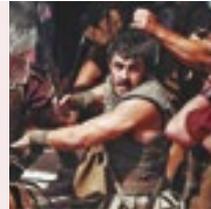
Festival de Inverno
chega ao fim neste
fim de semana

PÁGINA 3



Ridley Scott mira
no Oscar com o
seu 'Gladiador II'

PÁGINA 10



Casa Eva Klabin
pronta para receber
criança de férias

PÁGINA 15



2º CADERNO

EDIÇÃO FIM DE SEMANA

O mais importante teatro do Brasil completa 115 anos com um dia inteiro de programação gratuita

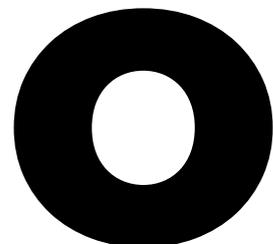


O Theatro Municipal é um dos marcos arquitetônicos da reforma urbana do prefeito Pereira Passos no então Distrito Federal

Carlos Monteiro

O MUNICIPAL ABRE SUAS PORTAS

Por **Affonso Nunes**



mais belo e imponente equipamento cultural do Brasil está completando 115 anos neste domingo (14). Para celebrar a data, o Theatro Municipal abre suas portas, a partir das 10h, para um dia inteiro de atividades Gratuitas para oferecer à população o que ele tem de melhor: cultura! O destaque fica para a pré-estreia de "Il

Trittico", de Giacomo Puccini, uma obra que engloba três óperas de um ato, criados em 1918. São elas: "Il Tabarro", "Suor Angelica" e "Gianni Schicchi". Há quase 30 anos as três óperas não eram encenadas no Municipal.

A casa foi inaugurada em 14 de julho de 1909 na gestão do prefeito Souza Aguiar, mas a obra teve início na administração anterior, de Pereira Passos. Sua construção estava inserida no conjunto arquitetônico das obras de reurbanização do Rio e da abertura do boulevard da Avenida Central (atual Rio Branco). Desde então assumiu sua vocação de principal palco brasileiro, recebendo importantes artistas, orquestras e

companhias de ballet.

"A tradicional maratona de apresentações artísticas durante o dia do aniversário do Municipal vem com força total, com convidados importantes e os artistas da casa. Desde a abertura, feita pela Banda dos Fuzileiros Navais, até a pré-estreia da nova produção de 'Il Trittico' teremos de hora em hora um programa muito especial. Neste ano, o dia 14 cai num domingo, portanto, esperamos que o Theatro fique lotado ao longo de todo o dia", torce Eric Herrero, diretor artístico da Fundação Theatro Municipal do Rio de Janeiro.

Continua na página seguinte

Um dia especial

Apesar de toda a programação do aniversário de 115 anos do Theatro Municipal ser gratuita é preciso retirar as senhas presencialmente, com uma hora de antecedência, no dia da festa. Os ingressos são limitados à lotação. Confira abaixo

SERVIÇO

THEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO (Praça Floriano s/nº - Cinelândia)

10h - Banda dos Fuzileiros Navais- Frente do Theatro Municipal

11h - Visita Guiada no prédio histórico (vagas para até 40 pessoas)

12h - Assyrio - EEDMO e BTM - 150 pessoas

*Apresentações dos alunos da Escola Estadual de Dança Maria Olenewa e ainda os cinco primeiros bailarinos: Claudia Mota, Cícero Gomes, Márcia Jaqueline, Juliana Valadão e Filipe Moreira e os solistas Carol Fernandes, Edifranc Alves e José Ailton, que vão apresentar Suíte Brasileira, coreografia Neo Clássica que mistura ritmos populares como a bossa nova, o baião, o forró e samba.

13h30 - Assyrio - EEDMO - 150 pessoas

*Apresentações dos alunos da Escola de Dança Maria Olenewa.

14h - Camerata Jazz Brasil - Foyer

*A Camerata Jazz Brasil, fundada em 2019 pelo contrabaixista Tony Botelho, instrumentista da Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, tem um repertório autoral, com uma linguagem contemporânea, misturando música de concerto, jazz e ritmos brasileiros. A Camerata Jazz Brasil conta com um efetivo de 23 músicos, todos



Il Trittico, de Puccini

Daniel A. Rodrigues/Divulgação



Interior do Theatro Municipal

componentes da Orquestra do TMRJ. Na apresentação do dia 14 de julho, às 14h, no Foyer, o grupo contará com a participação especial da Regente Priscila Bomfim. Lotação: 50 pessoas.

15h - JOSEM - Orquestra Sinfônica Jovem de Bordeaux, França - Escadaria Externa

*A JOSEM - Orquestra Sinfônica Jovem de Bordeaux é composta por cerca de 70 jovens músicos, com idades entre 12 e 25 anos, que tocam instrumentos de cordas, sopros, metais, percussão e piano. Oferece um repertório sinfônico variado e original, oscilando entre as músicas clássica, tradicional, cinematográfica, contemporânea, o hip-hop e o rock.

Filipe Aguiar/Divulgação

Divulgação



Escola de Dança Maria Olenewa

Divulgação



Banda dos Fuzileiros Navais

Manu Ibañez/Divulgação



Orquestra Jovem de Bordeaux

5h30 - Exposição

*Mostra fotográfica sobre a Itália nos teatros da América Latina do Instituto Italiano de Cultura, que ficará disponibilizada nos meses de julho e agosto nas paredes do Balcão Superior e da Galeria do Theatro.

16h - Palestra sobre IL Trittico - Assyrio - 100 pessoas

*Os 100 anos de falecimento de Giacomo Puccini e sua obra são tema de palestra ministrada por Eric Herrero, diretor artístico da Fundação Teatro Municipal

17h - Pré- estreia de Il Trittico - Grande Sala

*Os ingressos do dia 14 já estão esgotados

MPB, rock e samba na Marina da Glória

Liniker, Vanessa da Mata, Ana Carolina, Pitty, Xande de Pilares e Thiaguinho são destaques no último fim de semana do I Love Prio Festival de Inverno

O I Love Prio Festival de Inverno segue aquecendo os cariocas, no segundo e último fim de semana do evento, que acontece de sexta a domingo (12 a 14) na Marina da Glória. Vanessa da Mata, Marina Sena e Liniker comandam a noite de sexta. No sábado, Dia Mundial do Rock, as atrações são Ana Carolina, Pitty e Pato Fu. E o samba volta para encerrar a temporada com Thiaguinho, Ferrugem e Xande de Pilares no domingo.

O segundo fim de semana do festival começa com o show “Vício Inerente”, de Marina Sena. O repertório traz canções do disco homônimo recém lançado e, também, músicas que marcaram a era “De Primeira”. Em seguida, Vanessa da Mata sobe ao palco com o espetáculo “Vem Doce”, inspirado no seu último álbum e em seus 20 anos de carreira. Vanessa une as novas canções aos títulos clássicos de sua carreira, agora reimaginados para o contexto criativo do projeto.

Liniker encerra a noite do dia 12, com um show pensado exclusivamente para o festival. A artista recebeu três indicações ao Grammy Latino 2022 e levou o prêmio de “Melhor Álbum de Música Popular Brasileira”, com o disco “Índico Borboleta Anil”, tornando-a a artista brasileira com mais indicações ao prêmio naquele ano, e a primeira artista transgênero a ganhar um Grammy Latino.

Com o show “Pato Fu 30”, o Pato Fu abre o palco no sábado. A banda mineira apresenta o seu lado mais pesado, com canções de todos os álbuns de sua discografia. Estão presentes hits autorais – entre eles “Canção Pra Você Viver Mais”, “Sobre o Tempo”, “Perdendo Dentes”, “Antes Que Seja Tarde”, “Simplicidade”, “Depois” e “Made in Japan” – além das regravações criativas e originais, a exemplo de “Ando Meio Desligado” (Os Mutantes), “Eu



Vanessa da Mata
Amanda Tropicana/Divulgação



Liniker

Sei” (Legião Urbana) e “Eu” (Grafarréia Xilarmônica). Somam-se ao repertório canções lançadas recentemente no álbum “30”, projeto que celebra os as três décadas da banda.

O show “Ana canta Cássia – Estranho Seria Se Eu Não Me Apaixonasse Por Você”, de Ana Carolina, é o segundo da noite e tem o repertório dedicado inteiramente aos incontáveis sucessos da, até hoje, inigualável Cássia Eller numa conexão direta com a jovem garota mineira, que aos 16 anos ouviu Cássia pela primeira vez, apaixonou-se e nunca mais deixou de ser fã de camiseta, como se define

No embalo das comemorações do Dia



Pitty



Thiaguinho

Mundial do Rock, Pitty encerra a de sábado com um show exclusivo com conceito e direção artística assinados por ela, que segue acompanhada pelo trio de músicos Martin Mendonça (guitarra), Paulo Kishimoto (baixo) e Jean Dolabella (bateria). O repertório incorpora músicas de toda a carreira, com algumas surpresas. Fazem parte do setlist “Anacrônico”, “Serpente”, “Te Conecta”, “Máscara”, “Equalize” e “Me Adora”.

Xande de Pilares se orgulha das canções gravadas por Caetano Veloso, Zeca Pagodinho, Maria Rita, Diogo Nogueira, Leci Brandão, Zélia Duncan e a eterna madrinha



Xande de Pilares

Beth Carvalho. O cantor e compositor abre o último dia do festival com sucessos do show “Esse Menino Sou Eu”, com destaque para “Dona dos Meus Sonhos / É Diferente”, “Me Abraça”, parceria com o Ferrugem, e “Enquanto Deus Me Proteja”.

Artista de pagode mais popular no Spotify, com mais de 5,3 milhões de seguidores, Ferrugem faz o segundo show da noite celebrando os dez anos de carreira. No repertório, canções que fizeram história ao longo da década, além dos hits do momento que prometem fazer o público cantar junto com o artista, como “Apaguei pra todos”, canção feita em parceria com Sorriso Maroto, “Me Bloqueia”, e “Replay”.

O cantor e compositor Thiaguinho encerra o festival com o show do seu novo álbum, “Sorte”. O repertório é uma leitura contemporânea de sonoridades tipicamente brasileiras misturadas às referências musicais do cantor, numa roupagem de roda de samba e pagode.

SERVIÇO

I LOVE PRIO FESTIVAL DE INVERNO

Marina da Glória (Av. Infante Dom Henrique, n/nº - Glória) e 2024

12/7, às 19h: DJ Tamy (abertura e intervalos), Marina Sena, Orquestra Voadora, Vanessa da Mata e Liniker
13/7, às 17h: DJ Nicole (abertura e intervalos), Pato Fu, Orquestra Voadora, Ana Carolina e Pitty

14/7, às 15h: DJ Helen Sancho (abertura e intervalos), Orquestra Voadora, Xande de Pilares, Ferrugem e Thiaguinho
Ingressos entre R\$ 120 e R\$ 440 (3º lote)

Nas esquinas da psicodelia

Boogarins leva ao Circo Voador sua releitura dos clássicos de Milton, Lô & Cia

Por Affonso Nunes

A geração artística denominada Clube da Esquina absorveu influências do rock, do jazz, da música tradicional mineira para criar algo único na cena da MPB. “Sou do mundo / Sou Minas Gerais”, avisavam em 1972. Foi um movimento tão impactante que até hoje ecoa, influenciando novas gerações. É o caso da turma do Boogarins, banda goiana de rock psicodélico, que nesta sexta-feira (12) chega ao Circo Voador com a proposta de mergulhar ao seu modo no universo

do mítico movimento de Milton Nascimento, Lô Borges, Beto Guedes & Cia.

Como se não bastasse, o grupo formado por Dinho Almeida (vocal e guitarra), Benke Ferraz (guitarra), Raphael Vaz Costa (baixo e sintetizadores) e Ynaiã Benthroldo (bateria) recebe Toninho Horta, figura emblemática da geração mineira que revolcionou a MPB, para participação especial. Na abertura, Julia Guedes, neta de Beto Guedes, e Haroldo Bontempo trazem um panorama da novíssima música que vem das Geraes.

Gravado originalmente para o canal Multishow em 2022, o show em que o Boogarins se embrenha na magia do Clube da Esquina com releituras originalíssimas. Imagine “Um Girassol da Cor do Seu Cabelo”, “Fé Cega, Faca Amolada” e “Amor de Índio” e outras temas menos conhecidos em atmosfera psicodélica.

Começando os trabalhos, uma dupla es-



Boogarins recebe Toninho Horta em noite dedicada ao Clube da Esquina

pecial faz sua estreia nas lonas da Lapa: Julia Guedes e Haroldo Bontempo. Como o sobrenome já entrega, Julia é do clã Guedes e figura carimbada na cena musical de BH. Já Haroldo foi integrante do quarteto de rock experimental Mineiros da Lua e, em carreira solo, projeta o samba a bossa nova sob a lente da psicodelia.

SERVIÇO

BOOGARINS TOCA CLUBE DA ESQUINA

Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº) 12/7, a partir das 20h (abertura dos portões)

Ingressos entre R\$ 80 (meia) e R\$ 160

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Divulgação



In Concert

Belo sobe ao palco do Qualistage nesta sexta (12) com a turnê Belo In Concert, considerada uma das melhores performances realizadas pelo cantor que promete (e entrega) um emocionante passeio pelos maiores hits de sua carreira. No repertório, sucessos como “Desafio”, “Eternamente”, “Tua Boca”, “Quero Te Amar”, “Intriga da Oposição”, “Pra Ver o Sol Brilhar”, “Tudo Mudou” e “Reinventar”, entre outras.

Fernando Mendes/Divulgação



Hora da ‘Novela’

A cantora e compositora Céu retorna ao Circo Voador neste sábado (13) com o show de lançamento de “Novela”, seu sexto e aguardado álbum de inéditas. O trabalho foi gravado nos Estados Unidos em estúdio 100% analógico com a produção de Pupillo e do multi-instrumentista americano Adrian Younge. Nos capítulos dessa “Novela”, a artista paulistana se joga no soul, no bolero e no rap e arranjos de cordas orquestradas.

Marcos Morteira



Em dose dupla

O trombonista, cantor e compositor Josiel Konrad desfila seu jazz com pitada de funk carioca em duas apresentações neste fim de semana. A primeira será no Teatro Firjan Sesi de Duque de Caxias nesta sexta (12), às 20h. Já no sábado, às 18h, ele estará na programação do festival High Line New York, do New York City Center. Os shows marcam o lançamento de seu mais recente álbum, “Boca no Trombone”.

Divulgação



Amor a Herbert

Uma das vozes mais marcantes do pop rock brasileiro, Toni Platão retorna neste sábado (13), 22h30, ao palco do do Blue Note Rio com seu elogiado show “O Amor Segundo Herbert Viana”. Após rigorosíssima seleção musical, Platão conseguiu montar um show em que, acompanhado pela Soft Parade Band, traz sua própria interpretação para o cancionário romântico do cantor e guitarrista dos Paralamas do Sucesso.



CENTRO
CULTURAL
SESC
QUITANDINHA

dos brasis

arte e pensamento negro

Uma das mais expressivas exposições de arte afro-brasileira já realizada no país chega ao Rio de Janeiro.

São obras de 241 artistas negros do fim do século XVIII até o século XXI de todos os estados do Brasil. Esperamos por você.

Até 27/10/2024

De terça a domingo, das 10h às 17h.
Centro Cultural Sesc Quitandinha,
Petrópolis - RJ

Entrada gratuita

Confira a programação completa:
ccsq.org.br



CRÍTICA / DISCO / LOVE COLE PORTER

Mais um espetáculo de Antonio Adolfo

Por Aquiles Rique Reis*

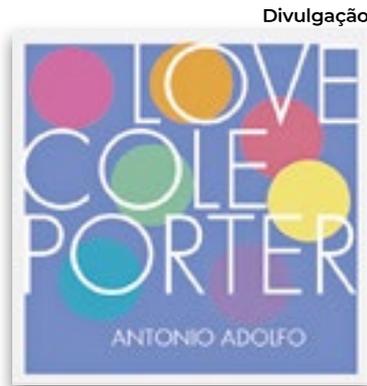
Hoje trataremos de “Love Cole Porter” (AAM), tributo prestado por Antonio Adolfo a Cole Porter através de dez obras do compositor norte-americano. Vamos a quatro delas.

“Easy To Love”: o piano entra. Os sopros vêm. A alma musical de Antonio Adolfo se faz sentir. Pura magia! O sax assume o improviso, enquanto a bateria, o baixo e o piano o acompanham. O trombone assume o proscênio. Com uma levada que é puro samba de gafeira, o couro come. Os sopros criam uma cama para um novo solo do piano. O suíngue é ardente. Os metais vêm e vão em intervenções precisas. O piano retoma as rédeas e balança num improviso esperto. Eita que a tampa abriu quente!

“I’ve Got You Under My Skin”: uma quase imperceptível

percussão dá a intro pro piano conduzir a melodia com os sopros. Antonio escreve para eles como se criasse uma ode à música, tamanha é a dimensão sonora que se agiganta ante os ouvidos. O bongô abre alas para o improviso do trompete. A guitarra surge elevada em seu dedilhar. Aqui e ali, os sopros seguem se multiplicando em aberturas. Palmas marcam o tempo forte. O suíngue agradece. Volta o trompete, que logo entrega a vez ao piano. Após um tamborilar de dedos no bongô, os metais levam ao final.

“Night and Day” (<https://youtu.be/51WB399MTbE?si=NshOBVC9BH>): com o batera



Divulgação

triscando os pratos, o piano abre o clássico de Mr. Cole Porter. Os sopros assumem a melodia e o brilho cresce. A música é bela, como belo é o piano de Antonio, que a conduz até entregá-la ao sax. O improviso tem tudo de samba-jazz: criatividade

de e perspicácia. A bateria conduz. O baixo segue na cola. Todos se juntam e criam a atmosfera que o piano precisa para vir à cena e dar-se por inteiro. Compassos de máxima agudeza surgem aos ouvidos do ouvinte – extasiado, seu sorriso é franco. Com a bateria e o piano, o baixo assume o controle e cria o ambiente que antecede o solo da bateria. Os metais em bloco sustentam a beleza do tema famoso: Antonio dá a ele o seu talento e o engrandece. Ponto final!

Fechando a tampa, “You do Something To Me”. A bateria traz o naipe dos metais pelas mãos e os dá ao fascínio de quem os ouve. A essa altura, queixo caído próximo do

peito, os pelos ouriçados e a alma em festa, o ouvinte é pura identificação com a sonoridade proposta por Antonio Adolfo e os instrumentistas que com ele estão.

Ora, a música nasce da criação de um compositor natural de uma pátria, é claro! Mas quando ela é amalgamada por músicos de outros povos, que as tocam, cantam e dançam a seu gosto e jeito, adaptando-a, ela harmoniza as gentes. E ao lhes dar sentido de fraternidade e solidariedade, a música se perfaz, de fato, mátria.

Ficha técnica: Antonio Adolfo (piano e arranjos), Lula Galvão (guitarras), Jorge Helder (baixo), Rafael Barata e Dada Costa (percussões), Jesse Sadoc (trompete e flugelhorn), Danilo Sinna (sax alto) Marcelo Martins (saxes soprano e tenor e flauta) e Rafael Rocha (trombone).

*Vocalista do MPB4 e escritor

CRÍTICA / DISCO / MPB4 - 60 ANOS DE MPB

Por Affonso Nunes

Amigo é pra essas coisas

Desde a volta do Correio da Manhã, há quase cinco anos, tenho a honra, o privilégio e a felicidade de dividir páginas com Aquiles Reis, o Aquiles do MPB4, que nos oferta seu conhecimento musical em críticas sensíveis e qualificadas de vários lançamentos fonográficos. Por tê-lo em nosso time, não vejo necessidade de resenhar álbuns lançados no Brasil mas como sei que o amigo não vai falar de “MPB4 - 60 Anos de MPB” (Biscoito Fino), farei as honras da casa.

E que felicidade para os amantes da MPB, sigla que se confunde com o mais tradicional quarteto vocal brasileiro, que o grupo se mantém ativo mesmo após as irreparáveis perdas de Magro Whagabi (1943-2012) e Ruy Faria (1937-2018). Formados no grupo Céu da Boca, Dalmo Menezes e Paulo Malagutti, o Pauleira, assumiram os postos vagos com a missão de manter uma tradição e, ao mesmo, renovar, pois o MPB4 sempre resistiu e se renovou. Na minha mo-

desta opinião, quando um cantor é convidado a fazer parte do MPB4 é como se estivesse sendo convocado para a seleção de futebol ou eleito para a Academia Brasileira de Letras.

Mas vamos ao disco, fruto da amizade que o MPB4 tem com os maiores compositores da música brasileira, pois quem mais poderia ter num único álbum participações especiais de Chico Buarque, Milton Nascimento, João Bosco, Edu Lobo, Toquinho, Dori Caymmi, Ivan Lins, Paulinho da Viola, Kleiton & Kleidir, Alceu Valença, Francis Hime e Guinga? Como diria Aldir Blanc em canção imortalizada pelas vozes

de Aquiles, Magro, Miltinho e Ruy em 1970, “amigo é pra essas coisas”.

Não bastasse o time de peso a cantar em duetos com o MPB4, o álbum recebeu arranjos de Dori



Divulgação

Caymmi, mago das artesanias musicais, que soube muito trabalhar com o talento do quarteto. O disco é feito de regravações, mas maioria das canções selecionadas ganha registro fonográfico do MPB4 pela primeira vez.

E como diria o mestre Aquiles, a tampa se abre com “Notícias do Brasil” (Milton Nascimento e Fernando Brant) em registro de rara emoção visto que Milton já se aposentou dos palcos. A faixa dois traz “O Cantador” (Dori Caymmi

e Nelson Motta) com participação do primogênito do clã Caymmi que se soma a um arranjo vocal daqueles de arrancar suspiros nos transportando ao Festival da Record de 1967, quando o MPB4 defendia outra canção (“Roda Viva”) com Chico Buarque de quem falaremos mais adiante.

O disco entra em modo samba com direito ao suíngue de João Bosco em “Pret-a-Porter de Tafetá” (João Bosco e Aldir Blanc) e a leveza de Toquinho em “Caso Encerrado” (Toquinho e Paulinho da Viola). Ivan Lins surge em dueto com quarteto em “Velas Içadas” (parceria com Vitor Martins), agora em modo romance.

Edu Lobo, outro amigo de longa data, divide os microfones com o MPB4 na sua “Dança do Corruptão” (parceria com Paulo César Pinheiro), um baião de respeito. Tudo isso serve de cama para a bela e triste “Angélica” (Miltinho

e Chico Buarque) em que o maior compositor brasileiro vivo junta-se aos velhos amigos num registro que faz jus a toda resiliência desta canção-manifesto.

“Catavento e Girassol (Guinga e Aldir Blanc) com Guinga remete ao apadrinhamento do compositor pelo quarteto há 50 anos quando gravou uma de suas criações.

Intérprtes de tudo bom que existe na MPB, o grupo gravou Paulinho da Viola algumas vezes, mas nunca “Coisas do Mundo, Minha Nega”. “Na Primeira Manhã (Alceu Valença) vem na sequência com os vocais do pernambucano numa levada que surpreende.

convidado da faixa.

Dos gaúchos Kleiton & Kleidir, com quem o MPB4 nutre forte relação, o quarteto se une à dupla com a tocante “Amor e Paz”, concebida em tempos pandêmicos e que tão bem resume os assombros que vivemos. E “Parceiros” (Francis Hime, Chico e Milton) reforça a força da amizade que move as vozes do MPB4, tanto as atuais como as que a vida nos tirou.

CRÍTICA / TEATRO / A LISTA

Salve amizade

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Há uma crença que os opostos se atraem. Mas temos vividos tempos de polarização, quando tudo se afasta cada vez mais. Desde as mudanças climáticas, os regimes radicais, as redes sociais, as guerras, os choques estão nos atingindo, mesmo que não se queira. “A Lista”, em cartaz no Teatro Adolpho Bloch, é história da capacidade de se perceber que o afeto, a amizade descomprometida, supera o afastamento.

O texto de Gustavo Pinheiro é uma elegia à convivência humana, baseada em curtos e certos diálogos entre as duas personagens, a aposentada e a jovem contemporânea, interpretadas por Lília Cabral e Giulia Bertolli. O primeiro embate é, justamente, a cerca do ranzinze da mulher mais velha, amarga, solitária que necessita que Amanda vá ao supermercado.

Gustavo tem uma forte característica que transforma “A lista” num espetáculo de emoções. Ao invés de fatos impactan-



Priscila Prade/Divulgação

Giulia Bertolli e Lília Cabral em 'A Lista'

tes, viradas inesperadas, o desenvolvimento da trama se dá pelas palavras, pelo que se é falado e como é dito.

A direção de Guilherme Piva calça as

intenções com a atuação das duas atrizes absolutamente coerentes com o texto.

Fazer da aposentada uma professora, situar a ação em Copacabana e nomeá-la

Laurita, o nome de outra geração, mas com o afeto do apelido são elementos que, apesar de serem de uma obviedade, criam a importante ligação imediata da plateia, pois são elementos de já trazem um significado conhecido. Essa clareza do cotidiano, situações com que todos nos confrontamos é a chave da obra.

A interpretação de Lília e Giulia e o trabalho de corpo de Marcia Rubin só fazem ressaltar que o teatro é capaz de emocionar, fazer rir, chorar e surpreender durante 90 minutos quando nos reconhecemos no que vemos. “A Lista” nos pega de palavra em palavra, de gesto em gesto em cada pequena, nos transformando em Laurita, que vencemos qualquer embate, pelo prazer de ver que a vida e arte são maiores que tudo.

SERVIÇO

A LISTA

Teatro Adolpho Bloch (Rua do Russel, 804 - Glória)

Até 28/7, sextas e sábados (20h) e domingos (18h)

Ingressos: R\$ 140 e R\$ 70 (meia)

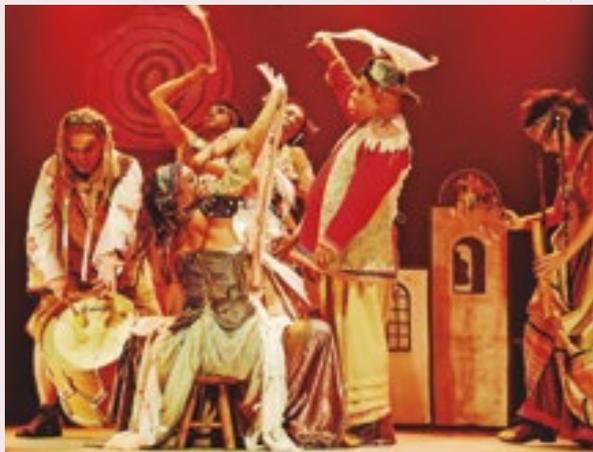
NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

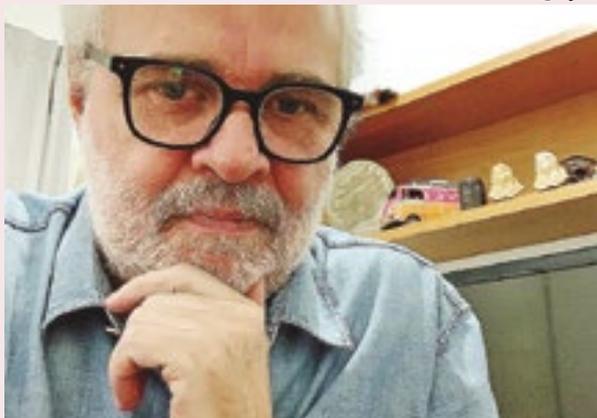
Ciclomáticos na Europa

Nascido há 28 anos em Bonsucesso, Os Ciclomáticos, que reúne artistas da periferia, favelas cariocas, Baixada Fluminense e interior do estado, dá um importante passo em sua trajetória: leva parte de seu repertório à Espanha e Portugal, com o espetáculo “Ariano – O Cavaleiro Sertanejo”. Além das apresentações, haverá também a exposição Arquivo Vivo – instalação + performance, criação do diretor do espetáculo e performer, Ribamar Ribeiro, e também o show “Eu Vim”, com Getulio Nascimento.

Divulgação



Divulgação



Oficinas na Zona Oeste

A Fundação Anita Mantuano de Artes do Estado do Rio de Janeiro (Funarj) informa que o teatro Mário Lago, na Vila Kennedy, vai oferecer durante cinco meses uma série de oficinas para a formação e a qualificação dos jovens da comunidade nas artes cênicas. A iniciativa tem como objetivo traçar o início da Companhia de Teatro Vila Kennedy e é comandada pelo renomado autor e diretor de cinema e teatro Moacyr Góes, que vai acompanhar pessoalmente o desenvolvimento dos alunos, a partir de 14 anos, com oficinas de teoria teatral, treinamento corporal.

Ana Raquel/Divulgação



Vida de viajante

A vida da viajante Josefa Feitosa, cearense que ao se aposentar resolveu sair pelo mundo, virou “Egoísta”, solo com estreia dia 17 de julho, no Sesc Tijuca. A peça parte da vontade de celebrar a coragem e a força de Jô e do desejo genuíno de homenagear pessoas enquanto estão vivas, ainda que não sejam famosas. Longe de ser um diário de bordo, “Egoísta” é um espetáculo sensível e impactante, que passeia pela vida de Jô - das memórias de sua infância até as de suas viagens e aborda questões da maternidade e etarismo em diálogo com a plateia.

SHOW**CORDÃO DO BOITATÁ**

*Música, alegria e fé. O espírito carioca toma conta do Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33) neste sábado (13), às 20h30, com o show de lançamento de "Dos Pés à Cabeça - na praça", mais novo álbum do grupo. Entre R\$ 39,60 e R\$ 110

RIOHARP FESTIVAL

*Dando sequência ao evento que vai até o fim do mês, o harpista mexicano Baltazar Juarez se apresenta neste sábado (13), às 13h, no Museu da República (Rua do Catete, 153). Às 15h, a programação prossegue com o Quinteto de Sopros da Banda de Fuzileiros Navais. Participação especial de Giovana Sanches (harpa). Grátis

CONCERTOS DE EVA

*Recital do duo formado por Caê Vieira (tenor) e Silas Barbosa (piano). A dupla dedica-se ao Lied (canção) alemão e à canção de câmara brasileira. Sáb (13), às 17h, no auditório da Casa Museu Eva Klabin (Av. Epitácio Pessoa, 2480 - Lagoa). Grátis.

ALMIR CHIARATTI

*Cantor e compositor criado na Ilha do Governador apresenta ao lado de Antonio Macalão show em que mescla músicas dos três discos do artista. Sáb (13), às 17h, na Areninha Cultural Renato Russo (Parque Manuel Bandeira - Praia da Olaria, 155 - Cocotá). Grátis

GAMADINHO

*Neste sábado (13) o Churrasquinho da Gigóia, evento realizado no Sunset Gigóia (Ilha da Gigóia, 250 - Barra da Tijuca), recebe Gamadinho (nome artístico de Felipe Ribeiro), o Grupo Sua Amiga Gosta e os DJs Fabinho Carioca e Jeff Tavares. R\$ 25 até às 17h

TEATRO**LEÃO ROSÁRIO**

*Espetáculo solo com o ator Adyr Assumpção, vozes e objetos inspirado em "Rei Lear", clássico da maturidade de William Shakespeare, e em Arthur Bispo do Rosário, artista visual que trilhou os caminhos da arte e da loucura. Até 28/7. CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66), de qua a sáb (19h) e dom (18h). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)



Cordão do Boitató

Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Divulgação



Baltazar Juarez

GOSTAVA MAIS DOS PAIS

*Filhos de dois craques do humor, Bruno Mazzeo e Lúcio Mauro Filho refletem as dores e delícias da herança artística de Chico Anysio e Lúcio Mauro. Até 11/8, sex e sáb (20h) e dom (18h). Teatro Casa Grande (Av. Afrânio de Melo Franco, 290 - Loja A - Leblon). A partir de R\$ 39,60 (meia)

EU, ROMEU

*Espetáculo da Adorável Companhia, de Guapimirim, na Baixada Fluminense, reconta "Romeu e Julieta", de Shakespeare, colocando em cena um ator preto e suburbano (Marcos Camelo) para discutir estereótipos e preconceitos. Até 27/7, sex e sáb (19h) e dom (18h). Teatro Glauce Rocha (Av. Rio Branco, 179, Centro). R\$ 20 e R\$ 10 (meia)

Divulgação



Caê Vieira e Silas Barbosa

Pino Gomes/Divulgação



Trés Mulheres Altas

Divulgação



Baby, você precisa saber de mim

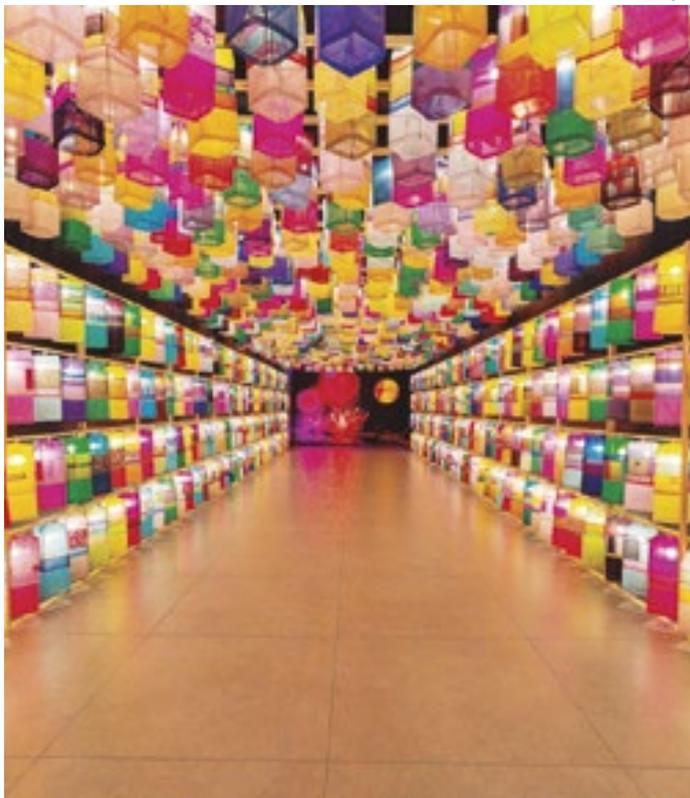
O POETA AVIADOR

*Comédia dramática coloca uma lupa sobre uma família interracial de classe média às voltas com questões do filho pré-adolescente. Até 21/7, de qui a dom (20h). Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160). R\$ 30, R\$ 15 (meia), R\$ 7,50 (associado Sesc) e grátis (PCG)

BABY, VOCÊ PRECISA SABER DE MIM

*Com texto e atuação de Rafael Primot, direção de Rafael Primot e Rodrigo Frampton e participação em off de Marjorie Estiano, o espetáculo acompanha a relação entre dois irmãos diante da proximidade da morte da mãe. Teatro das Artes (Rua Marquês de São Vicente, 52 - Shopping da Gávea, 2º Piso). aTÉ 8/8, aos sáb e dom (20h). R\$ 100, R\$ 50 (meia) e R\$ 35 (ingresso social)

Divulgação



Luzes da Coreia

Júlio Andrade/Divulgação



Almir Chiaratti e Antônio Macalão

DANÇA**PASSINHO DA ZO**

*Segue a 3ª edição do evento que visa fomentar e difundir o passinho por meio de ações em diferentes bairros da Zona Oeste. Neste sáb (13), às 15h, workshop de passinho com a professora May Idd. Quadra da Unidos de Vila Kennedy (Av. Brasil 34.320). Grátis

INFANTIL**PLUFT, O FANTASMINHA**

*O texto clássico de Maria Clara Machado ganha nova montagem com viés contemporâneo. Até 28/7 no Teatro Tablado (Av. Lineu de Paula Machado, 795 - Lagoa). Sáb e dom (17h). R\$ 70 e R\$ 35 (meia)

EXPOSIÇÃO**ANNA BELLA GEIGER - ENTRE O RELEVO E O RECORTE**

*A mostra inédita mergulha no universo multifacetado de uma das mais influentes artistas brasileiras do século 20. Até 8/9, ter a dom (10h às 19h). Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160). Grátis

PAISAGENS RUMINADAS

*Retrospectiva do artista plástico Luiz Zerbini, considerado um dos mais emblemáticos representantes do movimento conhecido como Geração 80. Até 2/9, de qua a seg (9h às 20h). Centro Cultural Banco do Brasil (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

LUZES DA COREIA

*Um mergulho em uma das mais populares tradições culturais coreanas a partir da experiência imersiva com instalações. As milenares lanternas coloridas de seda dialogam com elementos cenográficos contemporâneos proporcionando uma experiência única. Até 25/8 no Museu de Arte Contemporânea (Mirante da Boa Viagem, s/nº, Boa Viagem, Niterói). De ter a dom (10h às 18h). R\$ 16 e R\$ 8 (meia)

ARGUS

*A exposição que acontece simultaneamente em duas galerias (M. Blois e Ava Galleria Rio) é uma coletiva que celebra os 200 anos de imigração alemã no Brasil. O nome da amostra remete ao navio que trouxe os primeiros imigrantes daquele país. Até 17/7. Grátis

EVENTO**ARRAIÁ SESC RJ**

*Maior circuito de festas juninas do estado, o Arraia Sesc RJ 2024 acontece até este domingo (14). São ao todo, 35 festas em 13 cidades, entre unidades e hotéis do Sesc e espaços parceiros. O arrasta-pé vai contar com brincadeiras e barracas

CARIOQUÍSSIMA NA ROÇA

*A temporada da Carioquíssima na Roça volta à Urca neste fim de semana. Nesta edição, as atrações musicais serão o Forró da Josi (sáb, 19h) e Conterrâneos (dom, 19h). Durante o dia, muito forró e xote coladinho com os DJs Toninho (sáb) e Samuray (dom)

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Dedicado hoje ao projeto de um faroeste (“Wraiths of the Broken Land”), o inglês Ridley Leighton Scott passou a semana nas cabeças dos tópicos do YouTube à força do trailer de “Gladiator II”. Nas primeiras imagens do épico, agendado para estreiar em 14 de novembro, Paul Mescal enfrenta mil perigos, entre eles o ataque de um rinoceronte no Coliseu, sob os auspícios de um estrategista político (Denzel Washington), com ódio de um líder guerreiro (Pedro Pascal).

As chamadas candidatam o longa-metragem ao sucesso, lembrando que o original, de 2000, faturou US\$ 465 milhões e ganhou cinco Oscars, entre eles o de Melhor Filme. Em plena atividade, Ridley chegou aos 86 anos empenhado em conquistar o merecido prestígio - em forma de estatueta dourada - pelo qual batalha desde o fim dos anos 1990. Sua arma nessa guerra será o desempenho de Mescal como Lucius. A partir de seus feitos, o publicitário e cineasta pode levar para casa o Oscar e uma fortuna na venda de ingressos.

Nesse quesito, ele sempre foi bom, embora nem sempre tenha ficado satisfeito com as receitas que conquistou. Ano passado, por exemplo, ele viu seu “Napoleão”, com Joaquin Phoenix, faturar menos do que esperava.

Reza a lenda que o ponto mais fraco de sir Ridley é sua vaidade, expressa pela grandiloquência das suas produções e também por um desejo de alcançar um lugar que realizadores com status de filósofo do cinema que Stanley Kubrick e Terrence Malick conquistaram. Estes o fizeram pela transcendência das suas reflexões cinematográficas.

Não é por acaso que dizem que “Prometheus” foi a tentativa de Scott fazer uma “Árvore da Vida” ou um “2001: Uma Odisseia no Espaço”. Ele já flertou com causas mundanas ao conversar com as cartilhas da telenovelas em “Casa Gucci”, apoiado em Lady Gaga. Também já trabalhou com o ideal de superação em “Perdido em Marte”, que faturou US\$ 630 milhões. Na prática, no entanto, a maior fragilidade do realizador britânico está em seu joelho. Em 2010, quando “Robin Hood” foi programado para abrir o Festival de Cannes, ele não conseguiu comparecer à abertura devido a uma operação de última hora em sua rótula.

A fragilidade da sua integridade óssea já foi manchete várias vezes, mais até do que sua mão “podre” para a escolha de projetos: “Hannibal” (2001) ou “Rede de Mentiras” (2008) comprometeram - e muito - a sua imagem como campeão de bilheteria e como

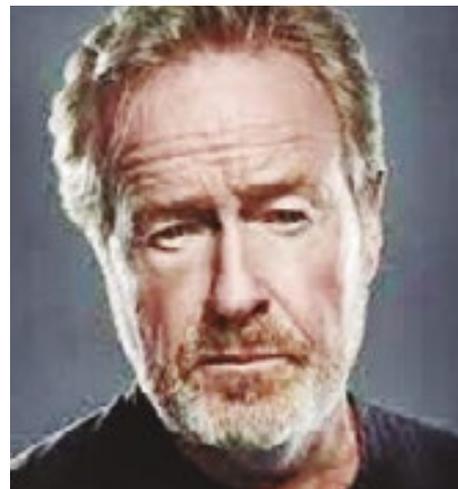


Paul Mescal enfrenta Pedro Pascal em ‘Gladiator II’, que estreia em novembro com a grife de Ridley Scott

Um Coliseu chamado Ridley Scott

Aos 86 anos, faminto por um Oscar, cineasta inglês mobiliza as redes sociais com o trailer de ‘Gladiator II’, que pode ser seu maior sucesso em anos

um realizador refinado. Só não fizeram mais estrago porque - bem assessorado - Scott fez da sua perna machucada um assunto que rendia mais pano para mangas nos jornais do que os seus deslizes estéticos. Só nos anos 1990, quando “Até o Limite da Honra” (1997) saiu,



MUBI

não houve assessor ou publicista que pudesse salvá-lo, perante a toda a ironia que rodeou a versão Rambo de Demi Moore, apesar das boas receitas que arrecadou com essa passagem pelo universo dos quartéis.

Mas os ataques sazonais não delapidaram

o património milionário que Scott construiu no box-office e na publicidade, tornando-se o rei dos anúncios comerciais. Para ficar só na esfera do cinema, seus longas ultrapassam com frequência a fronteira dos US\$ 100 milhões de faturação, sendo que algumas obtiveram prestígio tão alto quanto as suas receitas. Foi o caso de “Gangster Americano” (2007, que hoje é destaque na Netflix) e “Falcão Negro Em Perigo” (2001), projetos nos quais ele exercitou o seu belicismo com mais requinte plástico e estofado político. Ele tem talento de um modo inquestionável. O problema em relação a Scott é encontrar a sua verve de autor, o engrama pessoal que sirva de lastro de seu engenho. Embora tenha iniciado a sua carreira como diretor com três filmes magistrais - “Os Duelistas” (1977); “Alien - O Oitavo Passageiro” (1979) e “Blade Runner” (1982) -, que influenciaram a estética comercial de Hollywood nos anos que se seguiram, ele nunca encontrou para si uma identidade autoral, seja em tema ou em forma, que o pusesse entre os gigantes. Essa dor é bem maior do que a dor na perna pela rótula bichada.

Existe um Scott que domina o realismo com brutalidade e secura («Na Vigília da Noite»; “Chuva Negra”; “Os Vigaristas”) e outro que sai bem no épico, seja na linha da fábula (“A Lenda”) seja na trilha da História (“Cruzada”; “1492: A Conquista do Paraíso”). Há, em cada um, a centelha de um artesão cujo brilho merece ser revalorizado.

Ainda este ano, Scott apronta das suas como produtor, assinando o esperado thriller sci-fi “Alien: Romulus”, dirigido por Fede Alvarez, com estreia agendada para 15 de agosto.



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Estabelecido há quase oito décadas como um sinônimo de descobertas audiovisuais, o Festival de Locarno, na Suíça, vive uma fase de reciclagem política e estética na qual sua relevância vai a um patamar que há muito tempo não alcançava. Prestes a chegar aos 77 anos, no dia 7 de agosto, quando abre suas atividades com homenagens à dupla campeã de bilheteria Guillaume Canet e Mélanie Laurent, o evento hoje parece um adolescente, cheio de vigor.

Essa aparência não se trata de questões de maturidade – cada vez mais plena –, mas, sim, de jovialidade, que jorra, garantida pela seleção – sempre simpática ao Brasil – promovida pelo curador Giona A. Nazzaro. Há três anos, esse crítico de Zurique assumiu a direção artística do evento, que já havia premiado Hector Babenco, Murilo Salles, Juliana Rojas e Marco Dutra. Deu a ela uma nova (e mais) pop formatação, aberta ao cinema de gênero, a cineastas que flertam com a estética dos filmes B e a vozes que ecoam o real.

Em 2022, seu menu sortido garantiu láureas a “Regra 34”, de Julia Murat (rodado no RJ), e a “Big Bang”, de Carlos Segundo (feito na ponte Rio Grande do Norte – MG). Desde que ele chegou, medalhões da direção sempre têm vez lá.

Este ano, na competição oficial, há dois gigantes asiáticos: o chinês Wang Bing e o sul-coreano Hong Sangsoo. O primeiro concorre com o documentário “Youth (Hard Times)” e o segundo com o drama “By The Stream”. Foi selecionada uma coprodução do Brasil com a Alemanha, a França, a própria Suíça e a Tailândia chamada “Transamazonia”, com direção da sul-africana Pia Marais. Integram ainda o certame “Timestalker”, de Alice Lowe; “Bogancloch”, de Ben Rivers; e “Der Spatz im Kamin”, de Ramon Zürcher. Essa turma será julgada por um time presidido pela cineasta austríaca Jessica Hausner (de “Clube Zero”).

“Um filme é mais do que só um filme quando é visto num festival”, disse Nazzaro ao Correio da Manhã. “Eventos como



Exibição lotada na Piazza Grande confirma a força popular do Festival de Locarno

Sob o rugido do Leopardo de Ouro

Calibrado num flerte com o cinema de gênero, o Festival de Locarno prepara sua edição número 77 firmando sua relevância na cena das grandes mostras competitivas do cinema

Locarno, ao vivo, em coletividade, estão lotados. No caso do cinema em circuito, vejo hoje pessoas comprarem ingresso para rever “Barbie”. Festivais, em si, não podem fazer muito para encher salas e tampouco devem servir como instrumentos de promoção. O papel que precisamos ter é servir como um propulsor de debates culturais”.

Ele foi eleito para Locarno em meio à

pandemia e assumiu em 2021 revolucionando seções que estavam cheirando a mofo com novas provocações, apostando em thrillers, sci-fi, comédia e melodramas. Para a abertura desta edição ele trouxe “Le Déluge”, suntuoso drama francês sobre os últimos dias de Luís XVI e Maria Antonieta, vividos por Canet e Mélanie.

Para as sessões da Piazza Grande, a praça central da cidade, Nazzaro convocou o mais premiado dos longas-metragens do último Festival de Cannes: o iraniano “The Seed of The Sacred Fig”, do iraniano Mohammad Rasoulof. O filme saiu da Croisette com o Prêmio Especial do Júri, o Prêmio do Júri Ecumênico e o Prêmio da Crítica. O cineasta está condenado à prisão em sua terra natal pelas críticas de seus filmes ao regime vigente por lá. Na trama, um juiz entra em paranoia ao se sentir perseguido e começa a se voltar de forma violenta contra suas filhas e sua mulher. “Venho de uma cultura submetida à tirania, pois o Estado Islâmico é capaz de tudo”, disse Rasoulof em Cannes. “Por que meu governo tem tanto medo das histórias que contamos?”, questiona.

Ao 52 anos, o realizador, egresso de

Xiraz, precisou fugir de sua pátria para conseguir expressar sua voz autoral pelo mundo, tendo seu passaporte confiscado pelas autoridades do Irã, que o considera uma ameaça à integridade nacional. “Dei instruções à equipe para que terminasse o filme caso eu fosse preso. Quando a sentença de que eu seria detido saiu, fui para casa e me despedi das minhas plantas, depois dei um jeito de sair”, explicou o diretor, que por já ter sido trancafiado antes conhecia meios não tão legais de escapar, por rotas alternativas que o levaram à Alemanha. “Este é um filme sobre doutrinação, sobre o que acontece quando você deixa alguém, ou alguma ideologia tomar conta de sua mente”, disse o realizador, que ganhou o Urso de Ouro de 2020 com “Não Há Mal Alguém”. “Não tenho medo da intimidação”.

Em suas retrospectivas, Locarno prepara uma homenagem aos cem anos da Columbia Pictures e exhibe “Mulher de Verdade” (1954), de Alberto Cavalcanti (1897-1982). Em seu rol de tributos, o festival helvético destina troféus honorários para a diretora Jane Campion e para a atriz Irène Jacob.

Livro de Daniela Arbex vira filme de 'terror da vida real' nas mãos do diretor André Ristum

Por **Luísa Monte** (Folhapress)

Um mundo sem cores, repleto de comprimidos e que alterna gritos e silêncios. É assim a atmosfera de “Ninguém Sai Vivo Daqui”, filme que reconta o “Holocausto Brasileiro”. Para além dos horrores dos fatos em si, as imagens em preto e branco e os personagens criam um clima de suspense que lembra como a vida real pode ser também aterrorizante.

A história ficou conhecida pelo livro de Daniela Arbex, de 2013, que relata os crimes ocorridos Hospital Colônia de Barbacena (MG). A instituição funcionou durante quase oito décadas no século passado e ficou conhecido pelo tratamento desumano que oferecia aos pacientes.

“Pelo menos 60 mil pessoas morreram entre os muros do Colônia. Tinham sido, a maioria, enfiada nos vagões de um trem, internadas à força. Quando elas chegaram ao Colônia, suas cabeças foram raspadas, e as roupas, arrancadas”, conta a autora no livro.

O maior manicômio (como era chamado na época) do Brasil já tem um documentário produzido pela Netflix e a série “Colônia”, produzida pelo Canal Viva e disponível no Globoplay, que lembram as mesmas histórias e personagens do filme. Agora, o tema se repete na montagem de André Ristum, com Fernanda Marques e Andréia Horta no elenco, o que, segundo a autora, é importante para manter a história viva.

“Esse é um tema que continua muito urgente, muito atual. Tudo que a gente puder falar sobre a história da saúde mental no Brasil e desse modelo tão excludente, que no caso do Colônia permaneceu por mais de oito décadas, é altamente necessário. Esquecer é negar a história”, diz Arbex, que coloca o tema dos hospitais psiquiátricos brasileiros em jogo.

Na montagem de André Ristum, os elementos de suspense foram escolhidos para retratar o horror daquela situação: “Pensando na história, pensando na vida dessas pessoas, claramente se tratava de um filme de terror da vida real. A pessoa vive o terror real ali nesse



‘Ninguém Sai Vivo Daqui’, de André Ristum, dá imagem aos horrores praticados em oito décadas no Hospital Colônia de Barbacena

Holocausto à brasileira

lugar, ainda mais depois que começam a ser entupidos de remédios, de choques elétricos, todo tipo de tratamento”. Os pacientes são retratados desde o início recebendo pílulas e tratamentos que alteram seus comportamentos.

Mas, o que chamou mais atenção para o diretor, foram os casos de pessoas saudáveis, sem diagnósticos de doenças mentais, que eram levadas ao hospital: grávidas solteiras, prostitutas, amantes, homossexuais, pessoas

negras...

“Isso é uma loucura, porque vai muito além de uma instituição psiquiátrica e de tentar dar um tratamento adequado dentro do entendimento da época às pessoas. A gente está falando de outro modelo de cadeia, uma cadeia que não tem juiz julgando. E a pessoa é enviada para esse lugar e pode ficar lá para o resto da vida”, diz Ristum.

Foi isso que o fez escolher a personagem

“*Pelo menos 60 mil pessoas morreram entre os muros do Colônia. Tinham sido, a maioria, enfiada nos vagões de um trem, internadas à força. Quando elas chegaram ao Colônia, suas cabeças foram raspadas, e as roupas, arrancadas*”

Daniela Arbex

de Elisa, interpretada por Fernanda Marques, uma mocinha grávida solteira, para ser a protagonista do longa. “Que nível de desumanidade tem uma família que bota uma filha, ou uma amante lá dentro? Quis dar uma identificação ao espectador, no sentido de pensar: ‘Podia ser a minha filha’”, conta ele.

Fernanda, que considera esse o papel mais importante de sua carreira, conta que enfrentou uma preparação intensa para viver a gestante: “Fui colocada numa sala sozinha, fechada, ouvindo sons de gente sendo torturada”. “Eu acessei lugares no meu corpo, um choro do útero, que eu nunca senti na minha vida”, lembra ela. No filme, Elisa (spoiler!) é obrigada a abortar.

Com roteiro de André Ristum, Marco Dutra e Rita Gloria Curvo, “Ninguém Sai Vivo Daqui” tem ainda Augusto Madeira, Rejane Faria, Naruna Costa, Aury Porto, Arlindo Lopes e Bukassa Kabengele no elenco.

CRÍTICA / FILME / AINDA TEMOS O AMANHÃ

Em dívida com a questão feminina

Divulgação

Por Inácio Araújo (Folhapress)

“**A**inda Temos o Amanhã”, de Paola Cortellesi, trata da primeira eleição em que as mulheres tiveram direito a voto na Itália. Isso aconteceu em 1946, no imediato pós-guerra, e é uma pena que os filmes neorrealistas não tenham abordado o tema, talvez por terem sido feitos por homens, talvez machistas como o marido de Delia, vivida pela própria Cortellesi.

Não tão machistas, espera-se. A existência de Delia é árdua, e não apenas pela pobreza. Ela também apanha quase diariamente de Ivano, o marido. Ele bebe e fica violento. Quando não bebe, também não é lá essas coisas, mas é o momento em que, por vezes, pede perdão pelo comportamento animal e jura amor eterno, essas coisas.

O “maitre à penser”, vamos dizer assim, de Ivano é seu inacreditável pai, Ottavio. Além de apalpar a nora sempre que pode, dá conselhos ao filho. O mais relevante deles diz respeito ao trato com as mulheres. Ele diz que não deve bater com frequência na mulher, porque ela “pode se acostumar”. Bata, sim, mas uma surra exemplar, que ela não esquecerá.

Nesse ambiente bestial vive Delia, mas também a filha, Marcella, e dois filhos menores. Marcella namora e talvez logo fique noiva de Giulio, gentil filho de uma família enriquecida durante o fascismo por meios bem pouco lícitos. Giulio é gentil, sim, mas flashbacks nos mostram que Ivano também era uma beleza na época do casamento.

Como se vê, Delia não tem nada de animador a esperar da vida. E nem nós do enredo. A direção de Cortellesi, setor em que estreia, também não é de grande ajuda. Há cenas bem escritas, como a do encontro das famílias dos dois namorados, com todas as suas contradições.

A família de Giulio também é metida a besta. A mãe do rapaz acha a comida preparada por Giulia uma absoluta pobreza. Teme-se que Ivano tome um porre, ou que seu pai apa-



Paola Cortellesi atua e estreia na direção em ‘Ainda Temos o Amanhã’

reça com grosserias, ou que os meninos falem palavrões.

É pena que Cortellesi picote as cenas para introduzir reações dos participantes em primeiro plano, com ênfases tão pronunciadas (e mal interpretadas) que até parece estarmos diante de uma representação teatral ginásiana.

E, apesar disso, há questões inquietantes que atravessam o filme. Não em 1946, mas hoje, o número de assassinatos e estupros de mulheres é mais que medonho, insuportável. O mesmo fato que justifica a existência deste filme - a discussão da situação feminina na sociedade - força a observar também os problemas que o filme carrega, não os de que trata.

Pode-se aceitar, por exemplo, que as personagens sejam apenas tipos. Isso engendra uma perigosa fileira de clichês, que devem traduzir, em todo caso, o comportamento de pessoas como Ivano.

Ao mesmo tempo, não é tão fácil engolir uma encenação em que a qualquer ação cor-

responde uma reação espantada dos presentes. E isso acontece todo o tempo. Do mesmo modo, o preto e branco da fotografia lembra não o do neorrealismo, mas daquele que existia no começo do digital.

Também é difícil engolir um roteiro que se dispõe a iludir o espectador com insinuações de romance extraconjugal para saltar à questão central do filme, que, aliás, nem tinha sido proposta até ali.

E por aí vamos, num filme que busca se afirmar como didático, isto é, que está ensinando algo a outras pessoas, seja às mulheres, vítimas de violência, seja aos homens, os violentos. Mas é inevitável perguntar a quem, afinal, dirige-se “Ainda Temos o Amanhã”. Às mulheres, sem dúvida. Mesmo àquelas na meia-idade, não desistam de viver, apesar de tudo.

Embora esses propósitos sejam bem contemporâneos, seus méritos dizem respeito muito mais ao lugar da mulher na sociedade e na família do que ao cinema propriamente

dito. E é espantoso que, apesar de suas muitas fragilidades, “Ainda Temos o Amanhã” tenha dado a Cortellesi o prêmio mais relevante da indústria italiana, uma espécie de Oscar de lá, na categoria de melhor direção, em 2023.

Sabe-se que a ideologia tem tomado um espaço grande (para mim, excessivo) na arte contemporânea, a ponto de em várias situações praticamente substituir a arte. Mas uma aceitação assim é mais um sinal claro de que o pensamento cinematográfico de um país tão relevante como a Itália está, pelo menos, periclitando.

E que o “problema contemporâneo” vede qualquer juízo sobre o trabalho cinematográfico realizado. Não estamos em qualquer lugar nem em qualquer circunstância: a lembrar que a também italiana Alice Rohrwacher se destacou em Cannes, no ano passado, com o belíssimo “La Chimera”.

Entre esses dois extremos, o cinema italiano ainda busca se reconhecer, nesse momento em que renasce.

Contas um conto?

SEGUNDA PARTE

(...continuação)

Vários dias depois chego tarde da noite, momento exaustivo de trabalho, abro a porta e me deparo com um Frajola me olhando sério, cara de quem caiu do caminhão de mudança, em volta vejo uma sala com sofá, poltronas, mesa e cadeiras, luminárias e quadros. Até tapete e cortina tinha. Assustado, fecho vagarosamente a porta para não dar sinal que havia 'invadido' o apartamento alheio. Estaria ficando louco? Olhei o número na porta. Conferia com o meu; estava lá: '802', mas 'perai' eu não tenho móveis, muito menos gato. Teriam invadido meu imóvel?

Me enchi de coragem, chamei a porta e novamente o Frajola agora com cara de poucos amigos, tinha alguma coisa de cão de guarda ali, não sei se era poliglota, mas que ele rosnou, ah, ele rosnou e alto. Resolvi não encarar. Essa história de "gato que mia não arranha"... vai que ele não conhece o aforismo. Essa agonia levou uns cinco ou seis minutos. O prédio não tinha vigia, era tarde para bater no apartamento da síndica, talvez chamar Buscas e Salvamentos fosse uma solução. Preferi descer e tomar uns chopes no boteco da esquina. Horas tantas, como sempre expressava meu querido Carlos Leonam, com sono, cansado e meio bêbado, supus duas soluções: a redundância de 'encarar de frente' o problema ou dormir no carro, na garagem do prédio. Vai que era só uma alucinação de estresse. Vai que não tinha nada em casa.

Subi, abri a porta e lá estava o Frajola. Os chopes o transformaram-no. Agora era o Lion-O dos Thundercats. De alvinegro ficou azulado com os cabelos em fogo. Tomei a pouca coragem que ainda me restava e fui em direção a cozinha de onde vinha um saboroso aroma de carne assada. Ignorei o 'Gato The Cat', deveria ser uma alucinação, no caso, uma alucinagato. O chope do 'bunda de fora' não era lá muito confiável, as sardinhas mumificadas da estufa, as moelas ao molho juntamente com os ovos coloridos da vitrine... praticamente um ácido psicodélico.

Vagarosamente me aproximei do espaço gourmet e, silenciosamente, acompanhado pelo 'Frajola-Lion-O' dou de cara com a minha amiga de avental, travessa na mão e a pergunta-olho de qualquer entrevista:

— Pô cara, tu demorou hein?! Tá trabalhando demais! Fiz um jantar para gente em comemoração à minha estada por cá.

Ficou por seis meses. Fiquei amigo do Frajola que na verdade se chamava 'Gaveta', vai saber o porquê. Preferia dormir nos

meus pés aos dela. Devia ser a preguiça insana que tinha. Imagina escalar aquela cama. Pular no colchão, ao rés do chão, era bem mais prático.

Zero hora no relógio. A vida tem dessas coisas...



Lugar de férias é no museu

Casa Eva Klabin oferece ao longo do mês programação lúdica gratuita com foco em sua exposição 'Eterno Egito'



Arte com bolhas de sabão

Por **Cláudia Chaves**
Especial para o Correio da Manhã

Pedrinho não podia compreender férias passadas em outro lugar que não fosse no Sítio do Picapau Amarelo, em companhia de Narizinho, do Marquês de Rabicó, do Visconde de Sabugosa e da Emília. E tinha de ser assim mesmo, porque Dona Benta era a melhor das vovós; Narizinho, a mais galante das primas; Emília, a mais maluquinha de todas as bonecas; o Marquês de Rabicó, o mais rabricó de todos os marqueses; e o Visconde de Sabugosa, o mais 'cômodo' de todos os viscondes. E havia ainda a tia Nastácia, a melhor quituteira deste e de todos os mundos que existem

Num mundo de agenda, horá-

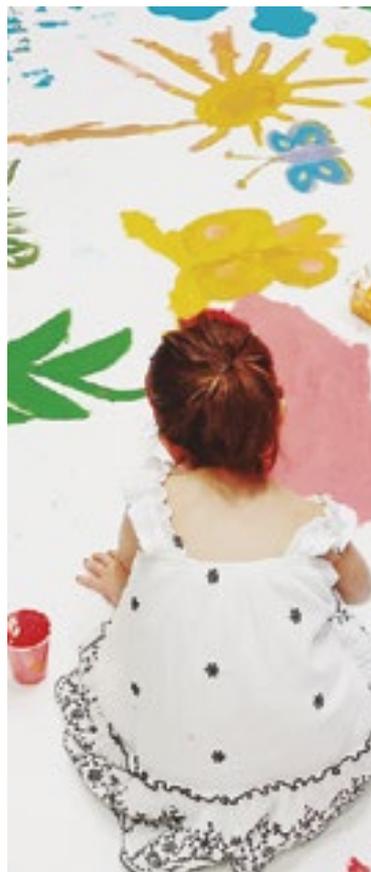
rios determinados, correria para lá e para cá, o medo, a vida fechada em casa, as crianças possuem poucas oportunidades de fazer o que mais gostam e é o mais importante da infância: brincar. Para o grande filósofo da educação Piaget, os jogos são brincadeiras e ao mesmo tempo meios de aprendizagem.

Até Freud fala da importância das brincadeiras: brincar é considerado como simbólico, meio pelo qual a criança elabora questões que são de maior prioridade para si. É importante deixar a criança se sentir confortável, para se expressar afetivamente de maneira livre e criar um espaço acolhedor em que ela se sinta segura para isso"

Sabedora disso, a curadoria da Casa Eva Klabin faz um ótimo bem bolado: férias no museu, com atividades gratuitas com base na ex-



Teatro de sombras



Pintura de paisagem



Carpa-colagem

celente exposição Eterno Egito em cartaz no local.

A Oficina de Amuletos propõe um olhar para a cultura egípcia e sua relação com os objetos repletos de significados, arte e beleza. A Oficina de Teatro de Sombras - Histórias Egípcias, se explora expressividade corporal para dar vida a personagens.

No dia 18, na oficina Uma Arte Toda Sua aprende-se técnica de desenho. A ideia é ocupar os ambientes de uma casa imaginária,

inspirada nas recorrentes intervenções artísticas que ocorrem no espaço da Casa Museu. Já na Oficina de Escrita Pictográfica, as crianças conhecerão variados meios de comunicação tendo a imagem como elemento e criar alfabetos a partir do uso de imagens do dia a dia, ou da produção de novas formas.

A linguagem também é tema da Oficina de Egiptogravura, que propõe a criação de símbolos, tendo como referência os hieróglifos e a infinidade de imagens que cercam

as crianças diariamente. A Oficina de Pintura de Paisagens Egípcias oferece a possibilidade de observar produções artísticas egípcias, criando um diálogo entre as peças da coleção e do jardim da Casa Museu Eva Klabin e a natureza do entorno.

Com início no dia 19, a Oficina Carpa-Colagem Coletiva é uma atividade inspirada nos peixes que habitam o lago da. Já a prática Arte com Bolhas de Sabão é uma experiência lúdica que estimula a criatividade e a produção artística através do uso deste elemento que faz parte das memórias de infância de muitas pessoas.

SERVIÇO

FÉRIAS NO MUSEU

Casa Museu Eva Klabin
(Avenida Epitácio Pessoa, 2480 - Lagoa)

Arte com Bolhas de Sabão: 18 e 24/7, às 10h

Oficina Carpa-colagem

Coletiva: 19 e 26/7, às 10h

Oficina de Teatro de Sombras

- **Histórias Egípcias:** 14 e 25/7, às 15h e 10h, respectivamente
Oficina de Egiptogravura: 19 e 24/7, às 15h

Oficina de Escrita

Pictográfica: 17 e 25/7, às 15h
Oficina de Amuletos: 13, 21 e 28/7, às 15h

Oficina de Pinturas de

Paisagens Egípcias: 17 e 26/7, às 10h e 15h, respectivamente

Uma Arte Toda Sua: 18/7, às 15h

Divulgação



CÂM O'N THAI FOOD

CÂM O'N THAI FOOD - A Kho Soi (R\$ 76), sopa típica do Norte da Tailândia, fez a chef Ana Carolina Garcia entrar no programa Mestre do Sabor em 2021 e voltou esse ano para o menu da casa em nova versão. Ela é à base de curry amarelo artesanal e leite de coco, com frango orgânico, noodles de trigo e pickles de folhas de mostarda. Rua Visconde de Caravelas 111, Humaitá. Tel: (21) 96966-8448.

CASA UEDA - Sob o comando do chef Eric Ueda, a casa especializada em gastronomia nipônica, aguça o paladar dos comensais com sugestões para aquecer neste inverno. Entre as opções: os ramens, feitos com macarrão caseiro de farinha como o Kare Ramen, que leva caldo de base mista (suína e frango) com legumes e curry, acompanhado de mix de pimentas asiáticas, copalombo, milho e cebolinha (R\$ 60) e o Ramen Ueda, preparado com caldo de base mista (suína e frango) com shoyu, acompanhado de copalombo, ovo, naruto, nori e cebolinha (R\$ 50). Rua Hans Staden 10 - Botafogo. Tel: (21) 96633-4907.

HILLS - A casa preparou para o inverno carioca um Festival de Caldos, que estará no cardápio até o mês de setembro. São quatro opções: abóbora com carne seca, feita com purê de abóbora com creme de leite e carne seca; caldo verde, preparado com batata lisa, bacon, couve e calabresa; feijão amigo, feito com feijão preto batido com coentro, bacon e calabresa e o caldo de baroa e Gorgonzola, temperado na medida certa com sal e pimenta, servido com torradas crocantes. O valor de cada caldo é R\$ 27, disponível de segunda à sexta, durante todo o dia. Praça General Tibúrcio, 520, Urca. Tel: (21) 97710-2304.

Me aqueça nesse inverno

Veja um roteiro de sopas e caldos para as baixas temperaturas, que deram as caras

Por **Natasha Sobrinho (@restaurants_to_love)** Especial para o Correio da Manhã

Enfim, esfriou, e já na semana passada tivemos o dia mais frio do ano, no Rio de Janeiro segundo o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet). Mesmo com a previsão de um inverno com dias mais quentes e secos do que o normal, os restaurantes já estão preparados com um menu especial de sopas e caldos quentinhos, para os períodos de baixa temperatura. São opções que vão desde a tradicional canja de galinha até opções de sopas e caldos orientais. Confira abaixo:



QUITÉRIA

Rodrigo Azevedo/Divulgação



NA BRASA COLUMBIA

Divulgação



TASCA DA MERCEARIA

Divulgação



NIDO

Lipe Borges/Divulgação



CASA UEDA

Selmy Yassuda/Divulgação

Tomáz Veléz/Divulgação



HILLS

NA BRASA COLUMBIA - A casa criou para o inverno um cardápio especial com algumas opções de caldos para aquecer o corpo nas baixas temperaturas. Entre as sugestões: a canja de galinha, o caldinho de feijão e tradicional caldo verde, todos a R\$ 21,90. Rua Farne de Amoedo, 102 - Ipanema. Tel: (21) 96522-5052.

NIDO RISTORANTE - No restaurante italiano, comandado pelo chef Rudy Bovo, a pedida para esse inverno é a clássica sopa de Cappelletti in brodo (R\$ 89). Ela é feita com massa artesanal e recheio de lombinho de porco temperado no caldo de legumes. Av. Gen. San Martin, 1.011, Leblon. Tel: (21) 2512-9021.

QUITÉRIA - O restaurante comandado pelo chef David Cruz, no térreo do hotel Ipanema Inn, tem em seu cardápio o Caldinho de Camarão que chega à mesa acompanhado de um espetinho ovo de codorna e camarão (R\$ 35). Rua Maria Quitéria, 27 - Ipanema. Tel: (21) 2267-4603.

TASCA DA MERCEARIA - Para a estação mais fria do ano, a tasca lança duas sopas no menu. Entre as opções, um clássico português, a Açorda Alentejana (R\$ 59,90), sopa de pão típica da região do Alentejo com caldo de bacalhau e camarão, molho de tomate feito na casa, lascas de bacalhau, especiarias, azeite português, e acompanha uma gema de ovo crua. O outro sabor é o Caldo Verde (R\$ 54,90), com batata, cebola, alho, linguiça calabresa, bacon, chouriço e couve. Rua São Salvador 72, Laranjeiras. Tel: (21) 3437-4512.